

AS INFLUÊNCIAS DE SCHOPENHAUER E RICHARD WAGNER EM O *NASCIMENTO DA TRAGÉDIA DE NIETZSCHE* LUIGI HENRIQUE CHIATTINI FETTER¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – lgfetter@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arald@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O *Nascimento da Tragédia*¹ é a primeira obra publicada por F. W. Nietzsche (1844 - 1900), segundo Araldi, neste escrito o filósofo concentrava seus esforços para fornecer uma nova compreensão da arte grega e, consequentemente, uma nova visão de mundo (cf. ARALDI, 1998). Porém cabe lembrar que esta obra nasceu no período em que Nietzsche estava extremamente influenciado pela filosofia de Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) e pelo movimento artístico e teórico de Richard Wagner (1813 - 1883).

Nesta época, não são poucas às vezes que Nietzsche se refere à Schopenhauer como sendo o seu mestre, ou reverenciosamente como “Um tal cavaleiro düreriano [...] Não há quem se lhe iguale” (NIETZSCHE, 1992, p.122). Para Galvão, a afinidade que Nietzsche tinha pelo autor de *O mundo como vontade e representação*, chegava a beirar a idolatria; Já se referindo à proximidade com Wagner, Galvão nos alerta que esta relação iniciou-se pelo interesse de ambos pela filosofia de Schopenhauer, e que desta aproximação acabou surgindo uma relação de longas contribuições artístico-filosóficas (cf. GALVÃO, 2010). Além disto, Antunes ainda nos lembra que, neste período, Nietzsche depositava todas as suas esperanças na arte revolucionária de Wagner como a expressão do renascimento da tragédia grega que, por sua vez, salvaria a arte da decadência em que se encontrara (cf. ANTUNES, 2008).

Do fundo dionisíaco do espírito alemão alçou-se um poder que nada tem em comum com as condições primigênicas da cultura socrática [...] a música alemã, tal como nos cumpre entendê-la sobretudo em seu poderoso curso solar, de Bach a Beethoven, de Beethoven a Wagner (NIETZSCHE, 1992, p. 118).

Sendo assim, alguns estudiosos costumam caracterizar este período como sendo a fase juvenil² da produção de Nietzsche. Esta caracterização do primeiro período tem como principal característica a mudança de posicionamento do filósofo diante da filosofia de seu mestre e da arte de Wagner. A partir de *Humano Demasiado Humano* podemos ver Nietzsche criticando as bases filosóficas de seu antigo mestre e ao mesmo tempo mostrando um distanciamento de Wagner, dada a ausência de referência ao músico na obra em questão.

¹ Nas próximas aparições no texto a obra será referida como NT.

² “Karl Löwith, por fim, constata duas transformações radicais em Nietzsche [...] elas levam à divisão da obra em três períodos conforme o hábito. O primeiro, compreendendo *O nascimento da tragédia* e as *Considerações extemporâneas*, é marcado pela crença do filósofo na renovação da cultura alemã; o segundo, englobando *Humano, demasiado humano. Aurora* e os quatro primeiros livros de *A gaia ciência*, mostra a busca de seu próprio caminho enquanto espírito livre; o terceiro, abrangendo de *Assim falou Zaratustra* a *Ecce homo*, apresenta a doutrina do eterno retorno” (MARTON, 1990, p. 24).

De vez em quando surgem espíritos ásperos, violentos e arrebatadores, e no entanto atrasados [...] a metafísica de Schopenhauer provou que mesmo agora o espírito científico não é ainda forte o bastante; assim, apesar de todos os dogmas cristãos terem sido há muito eliminados, toda a concepção do mundo e percepção do homem cristã e medieval pôde ainda celebrar uma ressurreição na teoria de Schopenhauer (NIETZSCHE, 2005, p.33 - 34).

Desta ausência de referência em *Humano Demasiado Humano*, passando pelo fim da amizade com o músico, chegamos às críticas diretamente endereçadas, como podemos ver nas obras posteriores de Nietzsche como, por exemplo, em *O Caso Wagner*. “Somente o filósofo da *décadence* revelou o artista da *décadence* a si mesmo...” (NIETZSCHE, 1999, p.18).

Ora, se Nietzsche acaba posteriormente criticando as bases que o influenciaram no período em que escreveu o NT, cabe aqui nos questionarmos: Quais teriam sido as consequências destas influências para este escrito? Para tentarmos esclarecer esta questão, este estudo visará destacar quais tipos de influências podemos observar presentes nesta obra, e se estas comprometem a originalidade da mesma.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, como primeiro passo, foi realizada a leitura exegética da obra *O Nascimento da Tragédia*, *O Mundo como Vontade e Representação* e de *A Arte e a Revolução*. Na segunda etapa foi traçado um estudo comparativo para que pudesse ser verificada a influência que estas duas últimas obras exerceram sobre a primeira. Ainda como forma de suporte para este último passo, foi efetuada a leitura de textos e livros de alguns comentadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Que em o NT Nietzsche está filiado a metafísica schopenhauriana é um fato inegável e que pode ser verificado já nas primeiras páginas, onde o filósofo compara o impulso apolíneo com a ideia schopenhauriana de representação e o impulso dionisíaco com a ideia de vontade (cf. NIETZSCHE, 1993).

Porém, enquanto para Schopenhauer a arte era tida como negadora da vontade (Wille) ou nas palavras do filósofo serviria para “nos subtraímos, por um momento, à odiosa pressão da vontade, celebramos o sabá da servidão do querer” (SCHOPENHAUER, 2005), para Nietzsche a arte é a “feiticeira da salvação e da cura [...] só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enjoados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver” (NIETZSCHE, 1992, p.56).

Ou seja, se tanto o Homem de Schopenhauer como o povo grego antigo de Nietzsche chegaram a considerações pessimistas³ sobre a existência, devemos atentar para o fato de isto levar o Homem schopenhauriana à negação da vontade de viver (Wille zum Leben), pois esta seria a raiz metafísica de toda existência e

³ Ou seja, a certeza de que “não temos razão para nos alegrar com a existência do mundo, mas antes para a lamentar; [...] o não-ser do mundo seria preferível à sua existência; [...] ele é algo que, no fundo, não deveria ser (SCHOPENHAUER)

consequentemente de todo o sofrimento, enquanto o Homem grego de Nietzsche que se deparava com essa consideração pessimista e que também por isso “corre o perigo de ansiar por uma negação budista do querer. Ele é salvo pela arte, e através da arte salva-se nele – a vida” (NIETZSCHE, 1992, p.55). Assim vemos que para Nietzsche o povo grego apesar de sentir o poder dilacerador da vontade, longe de censurarem, condenarem ou negarem esta força, estes através da arte a afirmavam.

aqui já se tratava de pensar a possibilidade de uma afirmação da existência, pois aquilo que Nietzsche procurou descrever foi o culto de Dionísio, ou seja, o modo como a força inesgotável desse deus demoníaco era celebrada e reverenciada por toda uma cultura (CONSTÂNCIO, 2012, p.51).

Assim, podemos constatar aquilo que Araldi nos alertava, a saber, “Nietzsche se apropria da metafísica Schopenhauriana para, através dela, fazer passar pensamentos radicalmente distintos” (ARALDI, 1998, p.81). Não havendo assim uma simples apropriação de elementos, mas, antes de tudo, um embate de ideias.

Porém Wagner em seu *A Arte e a Revolução* já colocava a arte dos gregos como afirmadora da vida.

No drama grego, os feitos dos deuses e dos homens, os seus sofrimentos e alegrias, anunciados de modo grave ou jubiloso na essência superior de Apolo sob a forma do ritmo eterno, da harmonia eterna de todo o movimento e de todo o existir, tornaram-se coisa real e verdadeira” (WAGNER, 2000, p.40).

Isto provavelmente influenciou Nietzsche na sua concepção de arte como afirmadora da vida. Segundo Silva, Nietzsche acabou fazendo uma síntese da visão de arte do Wagner afirmador da vida e da metafísica de Schopenhauer, entendendo que não havia incompatibilidades entre essas visões. (cf. SILVA, 2003)

Todavia, devemos observar que na análise wagneriana do drama grego a figura central era Apolo, já na análise de Nietzsche era a relação entre o impulso dionisíaco (essencialidade) e o impulso apolíneo (aparência). E justamente aqui o filósofo vai além de uma simples síntese, é com a compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos e sua relação com o apolínio que Nietzsche acredita ter descoberto que o socratismo teria ocasionado a morte da tragédia e que isto teria colocado em marcha a decadência do tipo de homem forte.

Eurípides foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates. Eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo” (NIETZSCHE, 1993, p.79)

Sendo assim, longe de o NT ser uma obra de valor restrito dentro da filosofia de Nietzsche, nela estão questões que como observa Araldi “pervadem toda a obra do filósofo, recebendo novas configurações e nuances” e por isso “antes de ser um texto de validade restrita e sem significação filosófica, esta obra marca

profundamente o desenvolvimento da interrogação filosófica do filósofo alemão” (ARALDI, 1998, p. 77)

4. CONCLUSÕES

Apesar de Nietzsche estar fortemente influenciado pela metafísica de Schopenhauer e pelo movimento artístico e teórico de Wagner, *O Nascimento da Tragédia* caracteriza-se como uma obra original e de suma importância dentro do pensamento do filósofo, já que é nesta que ele desenvolveu seus primeiros questionamentos filosóficos e chegou a conclusões que ditaram o rumo de todo o seu pensamento posterior, a saber, o socratismo e a moral como o começo de toda decadência da humanidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, J. Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do trágico. In: **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, pp. 53 – 70, 2008.

ARALDI, C. L. O pessimismo em *O Nascimento da Tragédia* de Nietzsche. In: **Dissertatio** (UFPEL), Pelotas, v.7, pp. 70 – 90, 1998.

CONSTÂNCIO, J. “A última vontade do homem, a sua vontade do nada”: pessimismo e niilismo em Nietzsche. In: **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, pp. 46 – 70, 2012.

GALVÃO, T. M. O. Para além da tragédia: A arte no primeiro e no segundo Nietzsche. In: **Saberes**, Natal, v.3, pp. 203 – 213, 2010.

MARTON, S. **Nietzsche: Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. **Humano Demasiado Humano**. (trad. de Paulo César de Sousa) São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O Caso Wagner**. (trad. de Paulo César de Sousa) São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo** (trad. de J. Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação**. (trad. de Jair. Lopes Barbosa. São Paulo: Unesp, 2005.

SILVA, I. M. M. G. **Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos**. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Unicamp.

WAGNER, A Arte e a Revolução. (trad. de Jose M. Justo) Lisboa: Antígona, 2000.